

edição  
SETEMBRO 2020

# Piá 21



## TU SABIAS?

Primeira Grande Guerra

APRENDIZAGEM:

## HISTÓRIA DO TRADICIONALISMO

## HISTÓRIA

Guerra do Paraguai

PROSA, VERSO E ARTE

## A ARTE DECLAMATÓRIA

## OPINIÃO

**VIVA SETEMBRO!  
VIVA A TRADIÇÃO GAÚCHA!**



MOVIMENTO  
TRADICIONALISTA  
GAÚCHO



# VIVA SETEMBRO! VIVA A TRADIÇÃO GAÚCHA!



Chegou setembro, mês com tantos simbolismos para nós sul-rio-grandenses: Semana Farroupilha, 20 de setembro - Dia do Gaúcho, chegada da primavera. Mas este setembro se acercou diferente. Muito possivelmente o mais inusitado de toda a existência dos gaúchos atualmente encarnados. O isolamento físico nos impedirá de celebrar e cultuar nossos hábitos mais tradicionais da forma que até então estávamos acostumados. Como mudar os meios sem perder o fim?

Antes de responder a esse questionamento, volto no tempo para falar um pouco da nossa mais famosa revolução, mas que muitos deboçam porque fomos derrotados. Nem sempre se ganha na vida, não é mesmo? Nem sempre quem conquista a vitória chegou lá pelas formas mais corretas e admiráveis. Mas não estou aqui para falar disso. Estou aqui para enaltecer que o que, de fato, nos motiva na vida: muito mais que a guerra, importa saber quem está na trincheira ao nosso lado!

Você sabia que o exército farroupilha em seu apogeu chegou a ter 3.300 homens, mas que enfrentou com menos de mil guerreiros os 12.000 soldados do pacificador Duque de Caxias em 32 combates? Como ganhar uma revolução baseada na força física e luta desigual com um exército infinitamente menor de homens?

O verdadeiro sentido da Revolução Farroupilha, segundo o historiador Moacyr Flores, foi a liberdade, a luta contra o autoritarismo político, como símbolo de mau governo. Vanguardistas que somos, há mais de 175 anos a gente já cantava a pedra das mudanças que seriam necessárias! Será que tivemos grandes avanços neste sentido?

## SEMANA FARROUPILHA

Voltemos a setembro de 2020. A luta que a gente trava agora contra a pandemia também é desigual. Estamos perdendo amigos, parentes, familiares e conhecidos numa batalha dura e árdua contra o vírus.

No que devemos nos apegar neste momento? O Rio Grande pós-revolução ficou despovoado, a economia arruinada, mas a guerra acentuou nosso espírito regionalista! É nestes valores que a gente deve se inspirar para comemorar o regresso de setembro! Somos destemidos, colaborativos, aguerridos, trabalhadores, bairristas e peleadores. A gente não se entrega! Façamos valer todos esses diferenciais do povo gaúcho para celebrar o nosso mês!

Sim, este setembro será diferente. Nossa semana farroupilha será diferente. Mais tecnológica, com lives, shows, tertúlias, palestras, apresentações, tudo on-line, digital, virtual, à distância. Sem a cuia passando de mão em mão. Sem os abraços. Sem as danças. Sem o aperto de mão. Sem os encontros presenciais em nossos galpões com os amigos e companheiros tradicionalistas. Nosso mês do gaúcho será o mais virtual de toda nossa história. Mas não deixemos de comemorar, de ritualizar a passagem para um novo tempo. Após os dias frios de inverno, vem a luz e o desabrochar da natureza com suas flores, aromas e sabores primaveris. O advento desta primavera, em especial, simboliza o florescer da esperança de novos dias. O fim do inverno mais sombrio de nossos tempos.

Qual será que foi o sentimento de todos aqueles que lutaram na revolução de 1835 após a assinatura do Tratado de Paz de Ponche Verde? Qual será a sensação após o surgimento e a disseminação da vacina? Será que ela vai chegar logo? Será que ela vai ser eficaz? Qual será o nosso cenário pós-pandemia? O que podemos aprender com nossos compatriotas da revolução? O que eles fizeram para se reerguer enquanto estado? O que podemos fazer para minimizar o impacto da pandemia e potencializar nossas maiores virtudes?

-Humanidade: que a gente tente controlar menos as coisas e sentir mais a vida! Menos ego e mais humanidade!

-Compaixão: diferente da empatia, que é a habilidade de se colocar no lugar do outro, a compaixão é a capacidade de fazermos algo para mudar a realidade do nosso semelhante! Façamos algo pelo próximo, por nossas comunidades!

-Colaboração: que a gente se inspire nos "puxirum", mutirões feitos pelos nossos primitivos habitantes para auxiliar na construção da roça ou de uma casa. Ajudemos nossos amigos e entes queridos a se reinventar, a reconstruir suas vidas! Tudo acabava em festa - com a bebida por conta do beneficiado!

-Mais integração e menos competição! Até porque todas as competições foram canceladas este ano. Só a vida que não foi cancelada! Não seria um sinal divino para ficarmos mais focados em nos integrar e menos em competir?

-Alegria: que a gente mantenha vivo o espírito festivo dos nossos colonizadores ainda que em tempos nebulosos. A vida é aqui e agora! O que eu posso fazer para ser feliz neste exato momento?

Comemore a saúde, dance, cante, sorria! Beba a vida! Aprecie o amargo para poder saborear o doce da chegada dos novos tempos! Chegou setembro, o mais alegre dos nossos meses. Está chegando a primavera, tempo de renascer e se reinventar. Abra a janela, abra os olhos, abra o peito, abra o coração! Desperte para essa "Nova Terra" que está sendo preparada. Semeie novos hábitos e será surpreendido com o crescer de novos aromas e sabores. Viva setembro! Viva o agora! Viva a Nova Terra! Viva a primavera! Viva a Tradição gaúcha!

Texto: Anderson Hartmann | Jornalista, fundador da agência Cachaça Comunicações, tradicionalista há mais de 30 anos e, em 1996, fez parte da primeira gestão de Guris Farroupilhas do Rio Grande do Sul.

Contato: @anderhartmann | anderson@cachacabr.com



## GUERRA DO PARAGUAI

### O CONFLITO ARMADO MAIS SANGRENTO DA AMÉRICA LATINA

Caudilho uruguaio, Venâncio Flores, revoltou-se com o governo constituído em Montevidéu, chefiado por Atanásio Aguirre. Uruguaios, partidários de Aguirre desrespeitavam e atacavam os brasileiros que viviam no Uruguai, provocando a ida de uma delegação chefiada por Antônio de Souza Neto - que estava residindo no Uruguai - à Corte no Rio de Janeiro para reclamar contra as referidas ações e pedir soluções. Uruguai solicitou proteção a Francisco Solano Lopez, ditador paraguaio.

Após, o Brasil aliou-se a Venâncio Flores e invadiu o Uruguai. As tropas brasileiras estavam com conhecidos nomes da história do Rio Grande do Sul: Antônio de Souza Neto, Manuel Luiz Osório, Mena Barreto, entre outros. Paissandú foi a primeira cidade a ser derrotada, em 1º de janeiro de 1865, resultando também com o fuzilamento do general Leandro Gomez.

Solano Lopez armou e fortaleceu o Paraguai, que tinha menos de um milhão de habitantes e exército de oitenta mil homens. Em 1864 o Brasil tinha de três a cinco milhões de habitantes e um exército de apenas dezoito mil homens. Dessa forma, as forças armadas paraguaias superavam os exércitos do Brasil, Argentina e Uruguai. O Brasil era a maior parte da Trílice Aliança, e ao longo de cinco anos de combates enviou um total de cem mil homens (trinta e quatro mil do Rio Grande do Sul).

A estratégia do ditador Solano Lopez iniciou com muitos erros, pois deu os pretextos necessários para ser atacado pelos inimigos. Após vários ataques, Lopez dispersou suas tropas. Em 10 de junho de 1865, com o desembarque de seis mil soldados na Barranca Pelada - lado brasileiro do Rio Uruguai, no Passo de São Borja - iniciava uma odisséia em solo gaúcho e que durou três meses. Antônio Augusto Fagundes escreveu na obra "Cartilha da história do Rio Grande do Sul" (1986): "a pouca vontade dos rio-grandenses em efetuar um ataque maciço se deveu, sem dúvida, à convicção de que a aventura paraguaia era suicida: internando-se em território brasileiro mais cedo ou mais tarde forçosamente os invasores seriam cercados e batidos".

A partir da rendição em Uruguaiana, as operações de guerra foram para outros países. Os aliados terminaram tomando Assunção e em 1870 os soldados gaúchos atacaram as últimas forças fiéis a Solano Lopez, em Cerro Corá e Aquidaban, e Lopez foi morto por Francisco Lacerda, o "Chico Diabo", das tropas de Visconde de Pelotas, sob ordens do coronel Joca Tavares.

Em 18 de setembro de 1865 ocorreu o ataque aos paraguaios, e desde aquela data, a Província ficou livre de invasores. A Guerra do Paraguai, conflito armado mais sangrento da América Latina, estendeu-se até o ano de 1870, com forte participação de sul-rio-grandenses.



Texto: Tamara Trentini Rigo

Fonte: Fagundes, Antonio Augusto. Cartilha de História do Rio Grande do Sul (uma nova visão da formação da terra e do povo gaúcho). Coord. e supervisão: Onésimo Carneiro Duarte. Porto Alegre, Martins Livr. - Ed., 1986.

Savaris, Manoelito Carlos. Rio Grande do Sul- História e Identidade. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha - MTG, 2008.





## Tu Sabias?

### PRIMEIRA GRANDE GUERRA

## O Rio Grande do Sul durante a Primeira Guerra Mundial

- Não falava-se em Primeira Guerra, pois não imaginava-se haver uma Segunda, apenas era conhecida como “A Guerra”: “A guerra para acabar com todas as guerras”, “a civilização contra a barbárie” ou “as legiões do Ocidente contra os bárbaros do Oriente”.

- A Primeira Guerra Mundial ocorreu de 1914 a 1918, entre Tríplice Aliança (Império Austro-Húngaro, Alemanha e Itália) e Tríplice Entente (França, Rússia e Reino Unido).

- Desde o início não houve dúvidas sobre qual lado os gaúchos ficariam, pois a geração de intelectuais tinha a França como segunda pátria.

- Os imigrantes alemães realizavam vários kerbs nas colônias para comemorar as vitórias das tropas alemãs.

- As rodas de conversas entre os gaúchos eram dominadas por notícias vindas da Europa, com assuntos sobre armas modernas, que os gaúchos pouco conheciam.

- Nesse período, no porto de Rio Grande não havia muito trabalho, pois os produtos importados eram impedidos de chegar por causa da guerra. Mais de mil funcionários foram demitidos.

- Borges de Medeiros, Presidente do Estado, decretou quinze dias de feriados bancários (de 1º a 15 de agosto de 1914), com o objetivo de organizar o Estado para a nova situação.

- A sensação predominante entre os gaúchos era a de horror contra a morte de milhares de pessoas em uma guerra entre países considerados civilizados e cultos.

Fonte: Rio Grande do Sul: um século de história/ coord. Carlos Urbim.  
Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.  
Elaboração: Tamara Trentini Rigo



## Aprendizagem

### HISTÓRIA DO TRADICIONALISMO

1. O primeiro gaúcho a fazer uma coleta folclórica foi \_\_\_\_\_, em 1958.
2. O Partenon Literário foi fundado em 1868 por José Antônio Caldre e Fião e \_\_\_\_\_, os quais praticavam uma literatura regionalista. A sociedade foi extinta em 1925, mas já deixara de existir desde o ano de \_\_\_\_\_.
3. A Sociedade La Criolla foi fundada no Uruguai, em \_\_\_\_\_, pelo Dr. \_\_\_\_\_, a qual serviu de inspiração para João Cenzimbra Jacques.
4. Em 22 de maio de maio de 1898, foi fundado o \_\_\_\_\_ por \_\_\_\_\_, Patrono do Tradicionalismo.
5. A \_\_\_\_\_ foi fundada em 10 de setembro de 1899 por Simões Lopes Neto, o qual também é autor das obras \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_.
6. Quando alguém pretendia se associar ao 35 CTG, seria admitido como Peão Diarista, após poderia passar a ser Peão Mensal, caso apresentasse uma \_\_\_\_\_.
7. Os associados presentes nas reuniões do 35 CTG depositavam suas doações na \_\_\_\_\_.
8. A primeira pesquisa folclórica do Pioneiro foi feita dia 15 de julho de 1950, na vila Palmares, no município de \_\_\_\_\_, com a colheita da dança do \_\_\_\_\_. Na data de \_\_\_\_\_ apresentaram-na pela primeira vez.
9. A Canção Negrinho do Pastoreio é autoria de \_\_\_\_\_ e foi apresentada pela primeira vez nas vozes de \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_.
10. Os símbolos do 35 CTG foram desenhados por \_\_\_\_\_, a partir das ideias de \_\_\_\_\_.

Elaboração: Jéssica Thaís Herrera

Fonte: BASTOS, Rogério Pereira. MTG 50 anos de preservação e valorização da cultura gaúcha. Colaboração de Manoelito Savaris. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha, 2016.

Respostas: 1. Antônio Alvares Pereira Coruja; 2. Apolinário Porto Alegre; 1885; 3. 1894; Elias Regules 4. Grêmio Gaúcho de Porto Alegre; João Cenzimbra Jacques; 5. União Gaúcha de Pelotas; Contos Gauchescos; Lendas do Sul; 6. Condição de ajuste; 7. Guampa de apoio; 8. Osório; Pezinho; 26 de agosto de 1950; 9. Barbosa Lessa; Barbosa Lessa; Provisório; irmãos Zarrans; 10. Guido Monden; Cyro Dutra Ferreira.





# Prosa, Verso e Arte

## A ARTE DECLAMATÓRIA

# LUCIANO SALERNO

Foto/Djalma Pacheco



Na edição de setembro do Caderno Piá, apresentaremos a história do tradicionalista Luciano Salerno (44), natural de Canoas, atualmente residindo em Bento Gonçalves, representante do Centro de Tradições Gaúchas Brazão do Rio Grande, do município de Canoas e da 12ª Região Tradicionalista.

Com início de sua trajetória na década de noventa, Luciano foi influenciado por amigos próximos a participar das atividades tradicionalistas. Lembrou que trabalhava com sonorização de eventos e foi contratado para sonorizar uma domingueira; no local, encontrou muitos amigos da escola e das baladas. Após, duas vezes por mês realizava a sonorização de almoços e tomou gosto pelo ambiente. Juntamente aos amigos, montou um grupo de estudos, para pesquisar nas referências do tradicionalismo: Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Cezimbra Jacques, Cyro Dutra Ferreira. Contou que foi Peão Farroupilha, mas não almejava seguir para as próximas etapas do concurso, pois acreditava que o trabalho deveria ser bem feito na entidade, o chamado “estilo Paixão, saber a essência”.

A arte declamatória foi consequência dos estudos sobre os versos, as danças e as músicas. Disse que seu pai tinha um disco de poesias de Dimas Costa, razão pela qual se inspirou e passou a tomar gosto pela declamação. Em um primeiro momento, declamava da forma que pensava ser o correto, sem orientações e referências. Depois, alguns integrantes da entidade apoiaram-no com o empréstimo de livros e compartilharam

do experiências. A poesia se tornou cada vez mais presente em sua vida, desejava romper com a ilusão dos rodeios e dos troféus para entender os porquês: ser tradicionalista de uma forma que a competição seja um mero momento de encontro de amigos para compartilhar conhecimentos e vivenciar a cultura gaúcha. Suas referências nesta arte são Wilson Araújo – seu mentor –, Valdemar Camargo, Romeu Weber e tantos outros.

Em 2001, foi campeão do ENART ao interpretar o poema “Aos olhos de um índio xucro” de Lauro Antônio Corrêa Simões, apresentando uma nova proposta de um poema considerado como campeão. Por sua vez, em 2003 foi novamente premiado no ENART, agora sendo vice-campeão. Registrou que não participou mais como concorrente das edições do maior concurso de arte amadora da América Latina, mas em 2006 e 2007 foi avaliador. No mais, sempre esteve presente para auxiliar os amigos declamadores.

O título do ENART é uma vitrine, pois o proporcionou reconhecimento em seu ofício. Em 2003, com base em suas leituras brasileiras e regionalistas, passou a escrever algumas linhas, sem pretensão, como forma de aliviar a alma e o coração. Então, participou de festivais de poesia: como intérprete e como músico – pois realizou um curso de serrote musical na Comissão Gaúcha de Folclore, com os saudosos mestres Antônio Frizzon e Paulinho Pires. Passou a ter contato com renomados escritores: Antônio Augusto Ferreira, Colmar Duarte, Carlos Omar Vilella Gomes, Guilherme Colares, Gujo Teixeira.

Em 2010, retornou aos palcos do ENART para declamar com uma proposta diferenciada, após realizar estudo aprofundado percebeu que deveria refletir sobre as mensagens dos poemas. Foi premiado com o 2º Lugar, interpretando poema de Aparício Silva Rillo. Seguindo o momento de releitura e mutação na forma de ver e de sentir, em 2011 foi premiado com o 1º Lugar. Depois, em 2014 a 2018, foi integrante da equipe técnica de avaliadores do MTG no núcleo de declamação.



## Prosa, Verso e Arte

### A ARTE DECLAMATÓRIA

A sua participação nos bastidores das apresentações de Entreveros e Cirandas iniciou no CTG Gaudério Serrano (11ª RT), em 2007, a convite do Departamento Cultural, em virtude do reconhecimento de seus resultados como declamador. Começou auxiliando Matheus Pelegrini, Amália Pletsch e Ana Maria Soccol: tradicionalistas desta mesma entidade, os quais receberam títulos estaduais.



Mais tarde, também contribuiu na trajetória das prendas Amanda Faleiro e Jéssica Thaís Herrera, as quais interpretaram dois de seus poemas na Ciranda Cultural de Prendas: “Provincianas: tributo às mulheres da pampa” e “Na irmandade da terra”, respectivamente, com uma construção pensada em conjunto. Relembrou também das prendas Luise Moraes, Ana Luísa Antonioli, Yasmin Ribas, Caroline Scariot, dos piás Miguel Bertani Gomes, Gustavo de Souza Moreira e tantos outros tradicionalistas que buscaram seu amparo.

A mensagem que Luciano Salerno deixa aos leitores do Caderno Piá é a seguinte: “A leitura se faz necessária a cada dia: é nela que receberemos a herança temporal da história, cultura, folclore, usos e costumes do nosso povo. Ainda estamos em tempo de registrar o que é vivenciado atualmente no campo e na cidade, para que o futuro tenha em mãos esse resgate de vivências entre as gerações. Sobre a declamação, seja autêntico e natural, reinvente-se na sua forma de olhar e sentir cada mensagem, não seja uma cópia! Na poesia, por sua vez, leia as bases de nossa literatura regional. Assim, irá encontrar o estilo de poesia que mais lhe agrada e se identifica. Já as provas artísticas para peões e prendas são um universo a parte: é extremamente importante a espontaneidade, oratória, vivência. Mesmo que tenhas um texto decorado, aproprie-se dele e reformule com a sua maneira de se expressar. Esta prova mensura as habilidades do(a) candidato(a) nos mais diferentes quesitos – unindo-os, chegamos em dois pontos fundamentais do ser humano: naturalidade e conhecimento.”

Texto: Jéssica Thaís Herrera





MOVIMENTO  
TRADICIONALISTA  
GAÚCHO

# Piá 21

Elaboração:

Departamento de Pesquisa e Difusão Cultural:  
Jéssica Thaís Herrera e Tamara Trentini Rigo

Revisão:

Vice-Presidência de Cultura: Roberta R. Jacinto